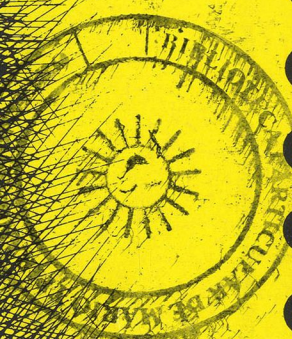
Academia Paraense de Letras

21 DE JUNHO DE 1989

# CRIAÇÃO DO DIA NACIONAL DAS ACADEMIAS DE LETRAS

Sesquicentenário do Nascimento de Machado de Assis

EDIÇÃO COMEMORATIVA

um soneto

Carolina Xavier Novais de Assis, companheira de Machado de Assis por 35 anos.

# À CAROLINA

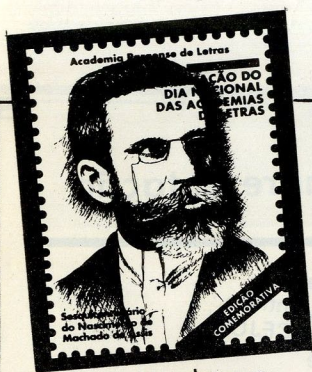
Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis.

## sumário

Capa: bico-de-pena de Genildo Mota

DIRETORIA
Presidente
Hilmo Moreira
Vice-Presidente
D. Alberto G. Ramos
1º Secretário
Aláudio de Melo
2º Secretário
De Campos Ribeiro
Tesoureiro
Alonso Rocha
Diretor da Biblioteca
Acyr Castro
Diretor de Arquivo
José Ildone
COORDENADOR DA REVISTA
Rafael Costa

**Cultural CEJUP**

DIRETORES
Gengis Freire e
Ana Rosa C. Freire
EDITORES
Oswaldo Viviani (texto)
e Genildo Mota (arte)
ARTE FINAL
Ethevaldo Cavalcante e
Paulo Corrêa
COMPOSIÇÃO
Hamilton Silva e
Carlos Reinaldo
REVISÃO
Vinicius Almeida

Composto e impresso em oficinas próprias na
Trav. Rui Barbosa, 726
Belém – Pará

## apresentação

O Presidente da APL, Hilmo Moreira, entrega aos diretores do CEJUP, Gengis Freire e Ana Rosa Cal Freire, o 1º volume da *Introdução à História da Literatura no Pará.*

Aos poucos, as Academias de Letras do Brasil vão abrindo mão dos excessos de conservadorismo e de rigidez protocolar. Em algumas ainda prevalecem velhas idéias restritivas. "Verdadeiras torres de marfim", racionalizam seus acusadores. E contra estes nem cabe a classificação simplista e genérica de "invejosos". Abstraindo evidentes atitudes de má-fé e inconseqüentes arroubos juvenis, muitos dos chamados "anti-acadêmicos" formam um grupo de intelectuais sensatos e com opiniões dignas de toda a consideração.

É com essa parcela da intelectualidade paraense que a diretoria atual da APL quer fazer contato. Desejamos fugir ao isolamento, o mais grave pecado dos silogeus, através de uma política gradual de abertura, sem, no entanto, profanar o templo acadêmico, nem ferir aos Estatutos ou ao Regimento Interno.

Com a criação de um quadro de correspondentes municipais e um Concurso Intermunicipal de Contos e Poesias, a Academia Paraense de Letras busca ampliar seu território de influência e, aos poucos, tornar-se de fato *paraense.*

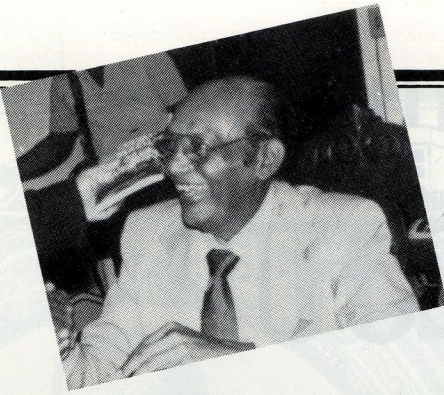
A franquia de sua sede a lançamentos de livros, a outras instituições, a eventos de natureza cultural, assim como aos estudantes dos colégios de Belém que, pela primeira vez, têm a oportunidade de conhecer uma academia por dentro, torna simpático e acessível o que antes era antipaticamente distante.

Amiudaram-se as caravanas culturais, e até uma sessão fluvial, a bordo de um catamarã da Enasa, foi realizada – fato talvez único na história das Academias de Letras – porém muito apropriado em se tratando de uma instituição amazônica, à beira de rios.

Uma proveitosa colaboração teve início com a Federação do Comércio, muito bem assimilada pelo presidente Domênico Falesi, semente de outras colaborações com entidades de igual porte. A Cultural CEJUP aceitou editar a antologia *Poesia & Prosa,* reunindo todos os acadêmicos vivos em 1987, agora a caminho da 3ª edição. A Sudam patrocinou a prensagem, em São Paulo, de um disco com os poetas acadêmicos. Entre essas realizações merece destaque a realização da *História da Literatura no Pará,* em vários volumes. O primeiro deles, fruto de laboriosa e dedicada pesquisa, já foi entregue à editora. Nele trabalharam os acadêmicos Acyr Castro, Clóvis Meira e José Ildone, que continuam pesquisando para os próximos volumes.

Finalmente, a criação do *Dia Nacional das Academias de Letras,* neste sesquicentenário de nascimento de Machado de Assis, traz consigo a esperança de que a cada 21 de junho seja renovado o ato de união fraterna e vigorosa entre todo o mundo acadêmico, capaz de influir positivamente nas mais altas e dignas decisões culturais de nosso país.

Hilmo de Farias Moreira
Presidente da APL

# O PRESIDENTE DA "VIRADA"

**Nessa mini-entrevista, o Presidente da APL, Hilmo Moreira, fala da experiência de abertura do silogeu paraense e critica os que mandam na cultura sem ser "do ramo".**

*P – Como é que começou essa mudança toda na Academia, essa abertura?*

R – Eu não saberia identificar pra você o momento exato. Mas tudo tem a ver um pouco com a minha maneira de ser. Em tudo o que eu faço eu visto a camisa, me empenho mesmo. Vou contar o episódio que fez começar a amadurecer, na minha cabeça, a idéia da abertura. Logo que eu assumi, fui visitado por alguns estudantes de Letras que queriam fazer uma entrevista comigo. Eu disse que tudo bem. Aí a primeira pergunta que eles me fizeram foi a seguinte: "Como você situa a Academia e a revolução de 64?". Quer dizer, não tinha nada a ver uma coisa com a outra. Depois queriam que eu falasse sobre um poeta, não me recordo qual, só sei que não era paraense. Eles não me perguntaram nada sobre a cultura paraense, sobre os escritores paraenses. Foi aí que eu tive a idéia de convidar os colégios para conhecerem a Academia, para eles terem pelo menos uma idéia do que é isso aqui.

*P – E como foi a primeira vez que isso ocorreu?*

R – Foi bem agradável. Veio o colégio Santa Rosa. Uns 90 ou 100 alunos. Chegaram, sentaram e ficaram observando a sessão com muita curiosidade. Depois passaram para a sala ao lado e tomaram o famoso chazinho acadêmico junto com a gente.

*P – Como os acadêmicos mais antigos reagiram a essa nova experiência?*

R – Reagiram com naturalidade. Eu acho que eles estavam querendo esse tipo de coisa, algo que modificasse a rotina.

*P – Quantos colégios já vieram aqui?*

R – Já vieram cinco colégios, nos dois anos de duração da experiência: Santa Rosa, Ideal, Ciaba, Moderno e Nazaré.

*P – E as idéias para o futuro?*

R – Um desejo nosso é o de retribuir as visitas que nos estão sendo feitas. Estamos querendo formar, para isso, uma Delegação Cultural, que entraria em contato com várias instituições dentro e fora do Estado. Outra idéia, que inclusive nós vamos propor no dia 21 às Academias que estarão aqui representadas, é a publicação de uma antologia de todas as academias de Letras do Brasil, uma coisa que jamais foi feita. Nós queremos também distribuir diplomas às entidades que colaboram, de qualquer forma, com a cultura paraense.

*P – Como é que o sr. vê a vida cultural paraense e como é o relacionamento da Academia com os grandes centros?*

R – Eu acho que a vida cultural paraense vive um dos seus melhores momentos. Grande parte disso, sem dúvida, se deve ao fato de o secretário da Cultura daqui, o Paes Loureiro, ser uma pessoa que tem intimidade com a área em que atua. O mesmo eu já não posso dizer dos grandes centros culturais do país e dos homens que em Brasília são responsáveis pela área Cultural. Eu vou te contar um caso esclarecedor. Eu enviei uma carta para o secretário da Cultura de São Paulo, o Fernando de Moraes, para que fosse patrocinada a vinda de alguns representantes da Academia Paulista para Belém no dia 21 de junho, quando vai ser criado o Dia Nacional das Academias. A resposta foi curta e grossa: "A Academia Paulista de Letras está impossibilitada de mandar representantes a Belém porque não mantém qualquer tipo de vínculo com a Academia Paraense". Isso apesar de o Fernando de Moraes ser um escritor, de quem, pelo menos à princípio, era de se esperar maior sensibilidade. O resultado é que o país está cheio de ilhas culturais, sem qualquer canal de comunicação entre si. Eu acho que já passa do tempo de se começar a trabalhar pelo fim dessas ilhas.

*P – Se o senhor ocupasse hoje a presidência da Academia Brasileira de Letras, o senhor patrocinaria uma abertura como a que está sendo feita aqui?*

R – Sem dúvida nenhuma.

Domingos Antonio Raiol, Barão de Guajará, primeiro presidente da Academia Paraense de Letras.

# UMA VIDA MARCADA PELO DRAMA DA CABANAGEM

*Trechos do discurso de posse do historiador Ernesto Cruz, na Academia Paraense de Letras, em 20 de novembro de 1946, focalizando a vida e a obra do Barão de Guajará, cuja cadeira iria ocupar.*

"(. . .) Até os fins do século XVII, não vemos registrado nas crônicas da época, o sobrenome Raiol, que começa a aparecer com certo relevo nos anais do terceiro decênio do século seguinte.

Encontramos a primeira referência a esse ramo, cujas raízes estavam plantadas em Portugal, num documento manuscrito da coleção da nossa Biblioteca e Arquivo Público. Trata-se de uma carta traçada pelo próprio punho do capitão-mór Nicolao Pereira da Costa, que desde 1713 se estabelecera na Vigia, como mandatário d'El-Rei.

Nessa correspondência aparece pela primeira vez, nas crônicas da capitania, o nome de José da Costa Raiol, na qualidade de capitão da Companhia de Ordenança.

No mesmo documento está apenas uma relação de pessoas que serviam na Câmara da Vila e dos privilegiados que faziam parte da famosa Companhia de nobreza da localidade.

Entre os camaristas citados por Nicolao da Costa, figurava Inácio Raiol, irmão de José Raiol, da Companhia de Ordenança.

No conjunto dos nobres da Vigia, estava João Duarte Raiol.

Foi isto em 1733 (. . .

(. . .) No ano de 1764, aquele mesmo Inácio da Costa Raiol, que fora camarista no tempo do capitão-mór Nicolao Pereira da Costa, aparece já maduro de idade e coberto de honrarias, como juiz ordinário da Vigia.

Um século decorrido desde que José Raiol apareceu nos anais da Capitania, servindo ao Rei de Portugal com a bravura e a lealdade dos velhos e altivos soldados lusitanos, era eleito Vereador da segunda Câmara constitucional da Vigia um outro Raiol, Pedro Antonio, de nome, e a quem o destino havia reservado um fim trágico.

No primeiro quartel do século XIX, Pedro Antonio casava-se com dona Arcângela Maria da Costa. A 30 de março de 1830, festejava o ditoso casal o nascimento de um filho varão, a quem puseram o nome de Domingos Antonio. Na suntuosa igreja da Vigia, que os jesuítas construíram e denominaram de *Madre de Dios*, e que é, ainda, um dos monumentos mais notáveis do Pará, foi batizado Domingos Antonio Raiol.

Perto da igreja ficava a casa da Câmara, e um pouco mais distante, na rua de Nazaré, esquina com a travessa do Passinho, estava o Trem de Guerra, que era o depósito das armas e munições do destacamento de linha.

Cinco anos depois do nascimento de Domingos Antonio, a província era sacudida pelo levante espetacular dos cabanos. A revolta tomou conta de Belém. Espalhou-se pelo interior. O povo em armas lutava pela liberdade. Era o grito ouvido em todos os recantos da terra paraense. Um levante da multidão contra o governo tirano de Lobo de Sousa.

Teve, então, começo, o ciclo cabano.

A Vigia não podia escapar às contingências da época.

A 23 de julho de 1835, um bando rebelde atacou a vila, obrigando seus defensores a refugiarem-se no Trem de Guerra. Entre os sitiados estava o vereador Pedro Raiol. Reconhecida a superioridade dos cabanos, deliberaram os sitiados içar uma bandeira branca, procurando desse modo acalmar a fúria dos rebeldes. A rendição, supunham, conteria a horda, pondo fim a sangueira que ia pela cidade.

Aceita a paz pelos vencedores, foi dada ordem aos refugiados que

deixassem o Trem e viessem para a rua desarmados, porque nada mais lhes aconteceria. E assim foi feito. Abriu-se a porta do precário arsenal. E quando os seus heróicos combatentes pisaram a rua, uma descarga cerrada abateu-os, caindo uns mortos, outros feridos, enquanto os revoltosos, desvairados, carregavam novamente as armas e atiravam, impiedosamente, sobre os remanescentes do Trem. Entre os vigienses mortos nesse dia, estava o vereador Pedro Antonio Raiol. Tinha Domingos Antonio cinco anos. Porém, do seu espírito não sairia nunca mais aquele quadro trágico, aquele fim dramático do seu pai e o choro convulso da sua mãe. Os cabanos haviam destruído a sua alegria. Torturado o seu lar. Enchido de lágrimas os seus olhos. E nesse instante emocional traçou, talvez, o seu destino, se é que os homens são senhores da sua vida.

E, trinta e cinco anos depois, aparecia no Pará um historiador profundo. Domingos Antonio Raiol lançava o seu primeiro volume dos *Motins políticos*. Havia de ser ele próprio o mais autorizado cronista da cabanagem. A tragédia do Trem de Guerra havia de ter o seu revelador.

*A obra* – Em maio de 1865, saía da Tipografia do Imperial Instituto Artístico do Rio de Janeiro, estabelecida no largo de São Francisco, o 1º volume dos *Motins políticos*. Era a estréia de Domingos Raiol, no campo vasto das letras históricas. Trabalho de fôlego, o autor esclarecia no Prefácio desse primeiro volume, que a obra estava dividida em três partes, abrangendo o ciclo mais agitado da história política do Pará, desde o movimento constitucionalista português, que deu causa à convocação das cortes gerais em Lisboa, ao drama da cabanagem.

Tarefa árdua se considerarmos a deficiência da documentação existente nos arquivos públicos, do que já se queixava Antonio Ladislau Monteiro Baena, nos primórdios do seu monumental *Ensaio corográfico*; mais árdua, ainda, porque Raiol escrevia sobre fatos latentes na memória dos seus contemporâneos, sujeitos por isso mesmo às apreciações mais diferentes, ao sabor das paixões partidárias da época. Contudo, conseguiu impor-se à crítica do seu tempo.

Deputado liberal à Assembléia Geral Legislativa do Brasil era possível que as conclusões expostas nesse primeiro volume, fossem tidas como produto do credo político que abraçava.

Ferreira Pena, um dos seus julgadores, rebatendo as insinuações estampadas nesse sentido, chegou a asseverar as críticas que traçou no *Jornal do Amazonas*, em dezembro de 1865, que "não via razão para se duvidar da sinceridade do autor".

Outros juízos críticos surgiram na corte e nas províncias. Sinal de que o trabalho de Raiol havia obtido a repercussão necessária a uma obra de tamanho alcance.

Três anos depois, em 1868, aparecia o 2º volume do *Motins*, editado em São Luís do Maranhão. Revelava matéria vasta, numa substanciosa análise dos acontecimentos desenrolados no Pará, desde a posse do Visconde de Goiana, na presidência da Província, à abdicação de D. Pedro I. O 3º volume só 15 anos decorridos era lançado, no Rio de Janeiro, impresso na tipografia Hamburgueza do Lobão, à rua do Hospício. Começa nesse terceiro volume a narrativa circunstanciada e por todos os títulos a mais séria da cabanagem.

Quando a Hamburgueza do Lobão deu a público esse terceiro volume dos *Motins*, já estava Raiol agraciado com o título de Barão de Guajará, e era o presidente da Província de São Paulo. Porém, nem a graça do Imperador, nem as obrigações administrativas de uma província importante, como era aquela, modificariam o espírito de Raiol. Continuou, por isso mesmo, a escrever, a pesquisar, a concluir, a lançar novas luzes sobre o mais agitado período histórico do Pará e quiçá da Amazônia.

O 4º volume dos *Motins*, editado ainda pela Tipografia Hamburgueza do Lobão, surgiu em 1884, traçando de maneira mais forte o perfil da cabanagem.

Temos a impressão que Raiol escreveu os capítulos desse volume tendo sempre diante dos seus olhos a imagem do pai. Não lhe podia ter saído do espírito aquela cena trágica do Trem de Guerra.

Por mais justas que fossem as suas conclusões, por mais honesto que fosse o seu intuito, por mais austero que fosse o seu desejo de julgar os acontecimentos que narrava com a inflexibilidade tão própria do historiador, algumas vezes deixava-se trair pela imensa saudade do seu pai. E Raiol deixava transparecer nas próprias páginas do seu livro, substituindo por vezes a austeridade do historiador pelo sentimentalismo do filho, a grande mágoa que lhe ia no coração. (. . .)

(. . .) O historiador traía a sua preferência; porém, o filho, sabia ser digno da memória de seu pai.

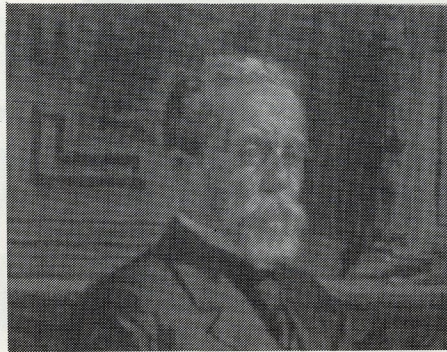
É que aquelas almas estavam identificadas pelo afeto, irmanadas pelas mesmas contingências.

O 5º e derradeiro volume dos *Motins* foi impresso nesta capital, na antiga Livraria de Tavares Cardoso & Cia., quando ainda estabelecida na travessa de São Mateus.

É onde está condicionado o mais precioso documentário da obra.

Raiol esforçou-se na pesquisa, no tombamento das peças manuscritas que compõem os códices mais notáveis da nossa Biblioteca e Arquivo Público.

Se não deixou com essa, a crônica definitiva da cabanagem, dando oportunidade a que outros pesquisadores se refizessem no filão onde colheu as gemas com que enriqueceu a história regional, pelo menos desvendou a fonte onde ainda se abeberam, nos dias que correm, quantos se dedicam à patriótica tarefa de plasmar, através de estudos monográficos, os diferentes aspectos da nossa formação histórica."

***Epopéia da Cabanagem*** – painel de Benedicto Mello, na Assembléia Legislativa do Pará.

# MACHADO SEGUNDO ACYR

***Para o acadêmico Acyr Castro, o autodidata Machado de Assis foi um estilista tão bom no conto como no romance.***

Joaquim Maria Machado de Assis é o mais importante escritor brasileiro em prosa de ficção. Quase todo mundo diz isso. Quem não diz, no mínimo o aproxima, para o bem ou para o mal, de Lima Barreto ou de João Guimarães Rosa.

Outros garantem que o contista Machado é maior que o Machado romancista. Tudo especulação. Uma coisa é certa. Os melhores contos machadeanos são tão bons quanto os melhores romances que o bruxo do Cosme Velho jamais escreveu, de *Quincas Borba* (1891) ao *Memorial de Aires* (1908), passando por *Dom Casmurro* (1900) e *Esaú e Jacó* (1904), desde que, de fato, explodira para o romance, em 1881, com *Memórias póstumas de Brás Cubas.*

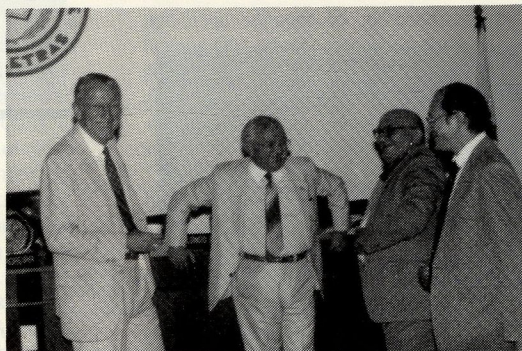
Basta revisitar *Machado de Assis – seus trinta melhores contos,* (1987), em 387 páginas, da Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Trata-se de seleção, efetivada há mais de duas décadas por treze outros escritores, entre os quais os críticos Sílvio Romero, Afrânio Coutinho e Lúcia Miguel Pereira. Aos escolhidos, a editora acresceu uma história que nunca poderia ficar de fora de uma coletânea dessas, *O caso da vara,* e, a título de curiosidade histórica, o primeiro (*Três tesouros perdidos*) e o último (*Escrivão Coimbra*) conto entre quantos escreveu. São, estes, trabalhos adequados a verificar o quão se foi aperfeiçoando o maravilhoso instrumento, que era o seu estilo raro de narrar, ao longo do tempo.

Entre os dois extremos, estão o que Machado de Assis criou de mais notável no gênero a partir de 1881, quando, com a publicação do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* e da novela *O alienista* (incluída no volume), tem início a chamada fase madura do ficcionista. Um dos contos selecionados, *A Chinela Turca,* é de 1875, e figura, sem nenhuma dúvida, no que o escritor fez nos anos preparatórios, o de *Crisálidas* (1884), o de *Contos fluminenses* (1870), o de *Os deuses de casaca* (1866), o de *A mão e a luva* (1874), o de *Ressurreição* (1872), o de *Helena* (1876), o de, em 1878, *Iaiá Garcia.* Nada do tom bacharelesco, tão ao gosto daqueles idos no Brasil, nem da mania decorativa que orna uma certa "escola" que se formou para tentar copiar o machadismo; sim o estilista seco, cortante, ríspido, ora cínico (*Teoria do medalhão* de 1881), do distanciamento crítico de *Dona Benedita* (1882), ora cruel, pungente (*Um homem célebre,* 1888), de sutil e denso erotismo (*Missa do galo,* 94), que se entremostra senhorial, nostálgico (*Um erradio*); de nenhum modo o do *Apólogo* (1885), que pertence ao fabulário de nossos sofrimentos nos bancos escolares; jamais o do ingênuo *Entre santos* e o do teatral *Viver,* ambos, anacronicamente, de 1886.

O Machado de Assis sensual, livre, de *A causa secreta* (1885) ou *Desejada das gentes* (1886), o de *Evolução* (1884) e, em 1883, *Uma senhora* e *Galeria póstuma.* Aquele que, tendo fundado em 1896 a Academia Brasileira de Letras de que seria "o" Presidente e símbolo-maior até hoje, pôs-se à margem das ortodoxias, um caso especialíssimo na literatura. Uma ilha estética, segundo a opinião generalizada de quem o entende contemporaneamente, Machado, pré-proustiano e um tanto simbolista, transfigurou como ninguém as dimensões tragicômicas da (já que não existe natureza) condição humana. Sua poesia, excetuados os poemas *A mosca azul,* quem sabe *Círculo vicioso,* naturalmente *À Carolina,* nada inova, presa aos parâmetros da idolatria à métrica de que o parnasianismo tanto usou quanto abusou. A crônica e a crítica merecem respeito e admiração, a maior parte das vezes, se bem que certas peças hajam já envelhecido. Seu teatro, menos para subir ao palco que para o prazer da leitura, é moralizante e pouco significativo, se bem que guarde, geralmente, a marca do prosador único que ele é. Porém, o grande Joaquim Maria Machado de Assis, de longe nosso primeiro ficcionista, nosso criador de estilo na prosa de ficção de número 1, está todo nos seus romances de 81 em diante e nos contos, nas curtas histórias, de *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899) e, de 1906, *Relíquias de casa velha.* E neles, para acabar de vez com o mito de um Machado associal, todo o Brasil do Segundo Reinado; todo o Brasil, do Império à República.

**Acyr Castro é jornalista e acadêmico. Ocupa a cadeira nº 26 da APL.**

quefazeres acadêmicos

Da esquerda para a direita, Paulo Bonfim (em visita à APL), Avertano Rocha, Acyr Castro e José Ildone.

# NAVEGAR (E TRABALHAR) É PRECISO

JOSÉ ILDONE

***A imagem da Academia como um lugar de contemplações platônicas está bem longe do dia-a-dia atarefado do acadêmico José Ildone, um imortal que "dá duro".***

"Navegar é preciso", ou melhor, fabuloso Fernando Pessoa, trabalhar é preciso.

Assim eu pensava ao ser admitido na Academia Paraense de Letras. Não mudei, logo não recuso trabalho, porque acredito: uma Academia não se constrói com glórias (esse traiçoeiro abstrato), mas com a ação dos acadêmicos. A idéia transformada em ato é a mais opulenta ata do existir.

Felizmente, a APL é, hoje, a comprovação disso.

A diretoria, da qual faço parte, dinamizando-se, firma suas porpostas e realizações no cerne da comunidade paraense.

Hilmo de Farias Moreira, o presidente, é inesgotável em idéias e exemplo notável de como propor, organizar, participar da ação e cobrar os resultados.

Não poderia a APL, deste modo, escapar ao destino de alavanca, ao procedimento de asas em moto contínuo, à estrutura de corredeira incansável, mesmo ante eventuais obstáculos.

Falo, agora, do que faço na Academia. E são quatro quefazeres:

1 – Como Diretor de Arquivo, consegui uma auxiliar, para o necessário apoio dentro do setor. Procuramos, inicialmente, a totalização de informes sobre os acadêmicos vivos.

Distribuída uma circular, conseguimos coletar discursos de posse, fotografias, produções literárias diversas.

O trabalho não está concluído, mas avançado em oitenta por cento. Deverá atingir o apogeu brevemente. E, após, a coleta se fará em publicações atuais e antigas, visando agrupar-se o maior número de informações acerca dos acadêmicos falecidos.

Quem sabe a informática não venha, em seguida, coroar este trabalho.

2 – Sendo coordenador do *Concurso Literário Intermunicipal de Poesia e Conto,* que intitulei (com aprovação unânime) de *Bruno de Menezes* (o poeta da negritude, em *Batuque*), dois certames foram concluídos.

Este concurso (apenas de poesia no primeiro ano) revelou novos talentos e reafirmou o valor de outros não inéditos.

Vem, seguramente, cumprindo o objetivo-mór: ativar a produção literária no vasto interior do Pará e estabelecer um diálogo mais intenso dos escritores radicados longe de Belém, com a Capital e a Academia.

3 – Na condição de organizador e coordenador do corpo de *Correspondentes Literários Municipais,* procurei atingir, o mais rápido possível, esse objetivo. Houve entusiasmo na investida, mas este trabalho está sendo menos fácil que os anteriores.

Dificuldades: o contato inicial com 87 das prefeituras do Estado, para que acionassem as secretarias de Educação e/ou Cultura locais, buscando a indicação de um escritor, professor ou bibliotecário, para aquela missão intermediadora (município/Academia). O período eleitoral iminente (processador de mudanças, portanto) embaraçou este plano.

Particularmente, as distâncias continentais do território paraense e as deficiências do Correio (com a "operação-tartaruga", por exemplo) forçaram o silêncio de muitas prefeituras.

Os resultados, porém, não foram mínimos.

Atenderam à proposta da APL: Vigia (indicando o poeta e contista João Wilkens Belém), Marapanim (o poeta Willame Coelho), Santarém (o compositor famoso e escritor Wilson Fonseca), Marabá (o poeta e prosador Ademir Braz), Castanhal (o jornalista, pesquisador e poeta Joaquim Amóras Castro), Mosqueiro

Os acadêmicos Aláudio Melo, Ubiratan do Rosário, Cécil Meira e Napoleão Figueiredo (falecido), no passeio fluvial patrocinado pela Enasa.

(o intelectual Omar de Souza Rocha), Alenquer (o poeta e jornalista Antônio Aldo Arrais), Óbidos (a professora Edite Carvalho Vieira), Breves (a professora Maria de Nazaré Barbosa de Oliveira), Icoaraci (o pesquisador Holderman da Silva Rodrigues), Cametá (o poeta, pesquisador e teatrólogo Alberto Moia Mocbel), Redenção (o poeta Raimundo Saraiva Rodrigues), Ananindeua (o poeta Francisco Felipe da Silveira), Cachoeira do Arari (o .pesquisador Giovanni Gallo), Altamira (o escritor Edson Barbosa Santana), Senador José Porfírio (o escritor Renato Gomes Soares).

No segundo semestre, ocorrerá, em Belém, o Primeiro Encontro de Correspondentes Literários Municipais.

4 – A última missão causou-me inesperado impacto: presidir a Comissão que elaboraria vasta pesquisa sobre a Literatura no Pará.

Mesmo já assumindo na Academia, três compromissos, aceitei o quarto, porque o assunto me fascina e há muito eu pensava em realizar esse trabalho.

Daí, as reuniões incontáveis para o alinhamento das sugestões, a busca nas bibliotecas públicas e particulares, e o mergulho por inteiro na estruturação do texto.

Dia 12 de maio pp., a Comissão, integrada também pelos confrades Acyr Castro (jornalista, ensaísta, ex-secretário de Cultura) e Clóvis Meira (cronista, memorialista, presidente da Academia de Medicina do Pará), entregava ao advogado Gengis Freire, (diretor-presidente do Cejup – Centro de Estudos Jurídicos do Pará), na presença do presidente da Academia, convidados e repórteres, o primeiro volume da Introdução à Literatura no Pará, com mais de 400 laudas.

Esse primeiro volume é uma vista panorâmica do assunto, desde os viajantes e os textos iniciais de Tenreiro Aranha (1769-1811), D. Romualdo de Seixas (1787-1860) e Felipe Patroni (1794-1865), até nossos dias, passando pela importante fase do Modernismo, quando, em 1910, já vários poetas eram considerados "rebeldes" pelo seu contemporâneo e respeitado historiador da literatura no Pará, José Eustáquio de Azevedo.

Alfredo Garcia (à dir.), vencedor no gênero *poesia* do II Concurso Intermunicipal de Contos e Poesia.

Os volumes posteriores abordarão biografias, textos e, quando necessário, estudo crítico, de todos os autores que se puder coletar nestes três séculos, aproximadamente, de atividade literária.

Para tal investida, foi inestimável o apoio de escritores, colecionadores, bibliotecários e dos meios de divulgação em Belém e Santarém, a exemplo da TV, que já está sendo acionada, visando-se tornar a segunda parte da pesquisa o mais abrangente possível.

Inicialmente, o governador e acadêmico Hélio Gueiros, além da substancial ajuda já prestada ao Silogeu, permitiu meu deslocamento da Imprensa Oficial para a Academia, visando esta pesquisa. Igualmente, o editor Gengis Freire, do CEJUP, aceitou publicar, sem ônus para a APL, toda a coleção.

Esta obra, sem dúvida, vai marcar a vida produtiva da Academia, tanto pela divulgação do assunto no País (a literatura do Norte é quase esquecida nos compêndios preparados nos grandes centros), quanto pela maior valorização do escritor local em nossos estabelecimentos de ensino – insubstituível fonte do leitorado em qualquer lugar do mundo.

**José Ildone é acadêmico. Ocupa a cadeira 31 da APL.**

# OS ACADÊMICOS E SUAS OBRAS

| CADEIRA Nº | ACADÊMICOS | OBRAS |
|---|---|---|
| 01 | Rafael Costa | O mundo mágico |
| 02 | Nazareno Tourinho | Nó de quatro pernas; Severa Romana; Fogo cruel em lua-de-mel; Pai João; Lei é lei e está acabado; O homem do seringal; Amor de louca nunca é pouco; e várias peças teatrais encenadas e publicadas em livros |
| 03 | José Rodrigues da Silveira Netto | Oswaldo Cruz — sua vida e sua obra; Gaspar Vianna — sua vida e sua obra |
| 04 | Otávio Mendonça | Palavras no tempo |
| 05 | Ildefonso Guimarães | Histórias sobre o vulgar; Senda bruta; Os dias recurvos |
| 06 | Arthur Napoleão Figueiredo | Amazônia: tempo e gente; Rezadores Pajé e Puçangas |
| 07 | Waldemar Henrique da Costa Pereira | Só Deus sabe porquê |
| 08 | José Guilherme De Campos Ribeiro | Rumotempo; Cais de pirilampos; Arquipélago de auroras; Círculo imperfeito — 100 haicais e outros poemas |
| 09 | Thoríbio Lopes | Páginas esparsas; Enaltecendo; Maravilhosa pátria; Paisagens amazônicas; Fragmentos; Cartas para o Céu; Trovas; O resto é exceção; Poemas; Repartindo a minha alma |
| 10 | Carlos Alberto Rocque | História política do Pará; História do Círio da festa de N. Sra. de Nazaré; O poço dos anseios perdidos; Logo depois das chuvas; Grande enciclopédia da Amazônia; Antologia da cultura amazônica; Depoimentos para a história política do Pará; A formação revolucionária do tenente Barata |
| 11 | Jarbas Gonçalves Passarinho | Terra encharcada |
| 12 | Dom Alberto Gaudêncio Ramos | A última lição; Cronologia eclesiástica da Amazônia; No silogeu amazonense |
| 13 | Aláudio de Oliveira Melo | Publicou discursos e conferências |
| 14 | Hélio Mota Gueiros | Publicou vários trabalhos na imprensa paraense |
| 15 | Victor Tamer | Viagem à Europa; Momentos de vida; Paisagem humana; Discursos solenes; Cametá e sua história; Chão cametaense |
| 16 | Jurandir Bezerra | Os limites do pássaro |
| 17 | Adalcinda Camarão | Despertai a rosa; Vidência; Baladas de Monte Alegre; Entre espelhos e estrelas; Memória; Um reflexo de aço; Eu não posso te amar; Nu; Era o princípio; Folhas |
| 18 | Epílogo Gonçalves de Campos | Como vi a Europa; Universidade e desenvolvimento |
| 19 | Paolo Ricci | Publicou crônicas em jornais e revistas |
| 20 | Benedicto Wilfredo Monteiro | Verde vagomundo; O minossauro; A terceira margem; O carro dos milagres; Cancioneiro do Dalcídio |
| 21 | Clóvis Silva de Moraes Rêgo | Obras de Domingos Antônio Raiol; Música e músicos do Pará; Na planície; Minha fração de tempo inolvidável |

# OS ACADÊMICOS E SUAS OBRAS

| CADEIRA Nº | ACADÊMICO | OBRAS |
|---|---|---|
| 22 | Maria Annunciada Ramos Chaves | Belém, a casa do pão; Independência e educação |
| 23 | Armando Bordalo da Silva | Contribuição ao estudo do folclore da Amazônia na Zona Bragantina; Aspectos antropo-sociais da alimentação na Amazônia |
| 24 | Hilmo de Farias Moreira | Ninguém mente à própria solidão; O jovem doutor Luiz; Uma vila, uma cidade, umas vidas; Aspectos de ontem e hoje: Federação do Comércio |
| 25 | José Maria de Azevedo Barbosa | A polêmica do De Angelis com o governo da província do Pará; A província do Grão Pará no século XIX; Os igarapés; Os caminhos do Círio; A cidade de Santa Maria do Grão Pará; Quinhentos anos de dominação inglesa; Os jesuítas no Grão Pará; A universidade paraense do século XIX |
| 26 | Acyr Paiva Pereira de Castro | O grão da escrita; Um fio de lâmina; Na vertigem do texto; Sob o signo de gêmeos; Proteção contra a inocência; O sentido da semente/Inverso tempo |
| 27 | Sílvio Hall de Moura | Elementos para a história da magistratura paraense |
| 28 | José Ubiratan Rosário | A ordem da história; Independência do Brasil; Belém: urbe-amazônica; Amazônia — processo civilizatório: apogeu do Grão Pará |
| 29 | Ernesto Bandeira Coelho | Vultos da história pátria; Plácido de Castro e o Acre |
| 30 | Cônego Ápio Ramos | Aquele padre velhinho; Marítimas; Cítaras em surdina; Rosa super rivos (em latim); Olhos dentro da noite; Canto agônico; Hora do Ângelus; A batina no banco dos réus; Fandango |
| 31 | José Ildone Favacho Soeiro | Chão D'Água; Luas do tempo; Tiradentes: sangue derramado pelo ouro da liberdade & Canto no campo; Romanceiro da cabanagem; A hora do galo; Trilogia do exílio; História da Imprensa Oficial do Pará |
| 32 | Alonso Rocha | Pelas mãos do vento |
| 33 | Cécil Meira | Os novos ideais; A língua portuguesa no Brasil; Introdução ao estudo da literatura; Imitação de Ruy Barbosa; Imagem das horas; Rota obscura; Poetas, e pensadores; Prelúdio do esquecimento; O retorno eterno de Nietzche |
| 34 | Inocêncio Machado Coelho | Machado de Assis; Minhas canções de Verlaine; O feitiço; Seringalista: palavra nova |
| 35 | Daniel Coelho de Souza | Os novos ideais; Tobias Barreto; Introdução à ciência do Direito |
| 36 | Pedro de Brito Tupinambá | Mosaico folclórico; Batuque de Belém |
| 37 | Octávio Avertano Rocha | Os inventos |
| 38 | Georgenor de Souza Franco Filho | O pacto amazônico: idéia e conceitos; e outros livros de natureza legal |
| 39 | Clóvis Meira | Memória histórica da Legião Brasileira de Assistência do Pará; Medicina de outrora no Pará; Médicos de outrora no Pará; Vultos e memórias do eterno; A força do tempo; Viagem sentimental à Belém antiga; Barata no Centenário |
| 40 | Sílvio Meira | O ouro do Jamaxim; Os náufragos do Carnapijó; Os balateiros de Maicuru; Teixeira de Freitas — o jurisconsulto do Império; A epopéia do Acre; A conquista do rio Amazonas; Fronteiras sangrentas; Antologia poética |

Magalhães Barata inaugura a primeira sede da APL.

# APL: 89 ANOS DE HISTÓRIA

ROBERTO RODRIGUES

Fundada em Belém a 3 de maio de 1900, no Teatro da Paz, por iniciativa de um grupo de escritores e intelectuais paraenses, e tendo por finalidade a cultura da língua e da literatura nacionais, a Academia Paraense de Letras começou com 30 sócios efetivos e perpétuos. Naquela época, o descobrimento do Brasil era comemorado no dia 3 de maio, o que explica a data escolhida para a fundação. O então governador do Pará, Paes de Carvalho, presidiu a solenidade, que contou ainda com a exibição da Companhia Lírica Italiana. A companhia, uma das mais famosas da época, apresentou-se acompanhada de orquestra, sob a regência do maestro paraense Gama Malcher.

Depois de três sessões, a academia praticamente desapareceu. Não há nem mesmo registro em atas, quer da sessão de fundação, quer das subseqüentes. Só em 10 de agosto de 1913, na sede do Ateneu Paraense, a academia ressurgiria. Nesse dia, numa sessão, presidida por Luiz Barreiros foram incorporados 10 novos membros, proposta do acadêmico Remígio Fernandes. Entre os recém-empossados, a escritora Guili Furtado, primeira mulher a fazer parte de uma Academia de Letras.

A primeira sede da APL, à Rua 13 de Maio, 87.

Porém, esse ressurgimento também teria vida efêmera. Após algumas poucas sessões, mais uma vez a Academia Paraense deixou de funcionar, situação que perdurou, descontados brevíssimos intervalos, até 1940, quando regressou definitivamente. Um dos artífices dessa injeção de ânimo respondia pelo nome de Oswaldo Viana, empossado em 23 de dezembro de 1941. De personalidade dinâmica, Viana, entre outras iniciativas, propôs a reforma dos estatutos, filiou o silogeu paraense à Academia Brasileira de Letras, e preparou (baseado em jornais da época) atas que não tinham sido feitas em sessões antigas. Foi por esses tempos, também que a diretoria da Academia Paraense, da qual Oswaldo Viana fazia parte como primeiro-secretário, declarou vagas as cadeiras dos acadêmicos que haviam-se transferido para outros Estados. Uma delas seria ocupada

pelo poeta Jurandir Bezerra, então com apenas 18 anos de idade, que se tornava, assim, o acadêmico mais jovem do mundo.

**Sede Própria** – Desde 1940, na gestão de Eduardo Azevedo Ribeiro, a APL vinha tentando obter um local para instalar sua sede própria. Após algumas tentativas sem êxito, foi aprovada uma proposta do acadêmico Bruno de Menezes, que consistia em alugar uma sala situada à Rua Santo Antonio, 49. Essa foi a primeira sede da Academia Paraense de Letras. A inauguração ocorreu em 29 de novembro de 1955.

Dois anos depois, o então governador Magalhães Barata sancionou a Lei nº 1.458, e, a 29 de maio de 1958, assinou escritura pública doando à APL o prédio situado à Rua 13 de Maio, 47. Em outubro de 1950, o acadêmico Georgenor Franco, na presidência da APL, iniciou gestões junto ao Governo do Estado, com a finalidade de conseguir uma sede maior, aventando a possibilidade de doação, pelo Governo, do prédio situado à Rua João Diogo, 235, onde outrora havia funcionado a Sociedade Artística Internacional – SAI. A 16 de dezembro de 1975, o Diário Oficial do Estado publicou o Decreto nº 9.575, que finalmente tornou realidade o sonho da sede própria.

O casarão da Rua João Diogo, construído em estilo romano, conta com hall, plenário com bancada, tribuna, auditório (com 120 lugares), sala da presidência, sala-de-estar (ou de chá), copa, dois banheiros sociais, salão (para reuniões da diretoria ou recepções) e uma biblioteca (no andar superior), que abriga mais de 4 mil livros.

Roberto Rodrigues é escritor e jornalista.

Rua João Diogo, 235: atual sede da APL.

ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS

SEDE PRÓPRIA, DOADA PELO GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, EM PERMUTA COM O ANTIGO PRÉDIO DO SILOGEU, DE ACORDO COM O DECRETO LEGISLATIVO Nº 95 / 75, DE 03 / 12 / 975, E INAUGURADA EM 7 DE SETEMBRO DE 1976

GOVERNADOR DO ESTADO
PROF. DR. ALOYSIO DA COSTA CHAVES

VICE – GOVERNADOR
ACADÊMICO CLÓVIS SILVA DE MORAIS RÊGO

SECRETÁRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
ENGº PEDRO PAULO DE LIMA DOURADO

PRESIDENTE DA A. P. L.
ACADÊMICO GEORGENOR DE SOUZA FRANCO

DEMAIS SÓCIOS EFETIVOS E PERPÉTUOS DA A. P. L.
ACADÊMICOS: ABELARDO CONDURU-ADALCINDA CAMARÃO-ALÁUDIO MELO-D. ALBERTO RAMOS-ALDEBARO KLAUTAU-ALOÍSIO SOARES-ALONSO ROCHA-ÁPIO CAMPOS-ARMANDO BORDALLO DA SILVA-AUGUSTO MEIRA FILHO-CARLOS DE MENDONÇA-CÂNDIDO MARINHO DA ROCHA-CÉCIL MEIRA-CUPERTINO CONTENTE-DANIEL COELHO DE SOUZA-EPÍLOGO DE CAMPOS-ERNESTO BANDEIRA COELHO-HILMO MOREIRA-ILDEFONSO GUIMARÃES-IGNÁCIO SOUZA MOITTA-INOCÊNCIO MACHADO COELHO-JARBAS PASSARINHO-JOSÉ MARIA BARBOSA-JOSÉ DE CAMPOS RIBEIRO-JOSÉ SILVEIRA NETTO-JURANDIR BEZERRA-LEVY HALL DE MOURA-LÍBERO LUXARDO-MARIA ANNUNCIADA CHAVES-NAZARENO TOURINHO-OTÁVIO MENDONÇA-PEDRO TUPINAMBÁ-PAULO MARANHÃO FILHO-SÍLVIO MEIRA-SÍLVIO HALL DE MOURA THORIBIO LOPES-VICTOR TAMER-WALDEMAR HENRIQUE

Placa colocada à entrada da sede atual da APL.

Machado:
vida e obra

# O AUTODIDATA QUE RETRATOU TODA UMA ÉPOCA

PÁDUA COSTA

Todo ser humano que consegue, com profundo sentimento de sinceridade, artificar a expressão do que lhe ocorre no íntimo, se imortaliza na reverência das gerações. Isso acontece aos vocacionados para exercer qualquer tipo de atividade profissional principalmente quando se trata do exercício de opções encontradas na amplitude da arte literária. Importante é considerar que a sinceridade do sentimento elimina qualquer inclinação de caráter egoístico, revelando o autêntico escritor ou artífice da prosa e da poesia, traduzindo a alma de uma nação, assim se realizando literatura na definição de Marques da Cruz.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839, onde também faleceu em 29 de setembro de 1908. O início dos seus sessenta e oito anos de vida se passou na humildade de uma convivência familiar. Vivenciou uma juventude árdua, tendo de enfrentar uma série de dificuldades. Começou trabalhando como aprendiz de tipógrafo, na Imprensa Nacional.

Desde cedo demonstrou uma preferência invulgar pela literatura. A partir de 1858, tornou-se assíduo colaborador do *Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Semana Ilustrada* e *Jornal das Famílias*. Chegou a exercer funções de destaque no Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas, colaborando, nessa época, na *Gazeta de Notícias*, na *Revista Brasileira* e em *O Globo*.

Machado de Assis foi o principal responsável pela fundação da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira nº 23, tendo por patrono José de Alencar, e foi o seu primeiro presidente, mandato que cumpriu até a morte. Legou-nos uma vasta e multiforme obra literária, cultivando muitos gêneros, através de um estilo inconfundível.

Considera-se difícil a inclusão do trabalho de Machado de Assis nos critérios limitados pelas normas das escolas literárias. Comumente se distinguem duas fases na evolução do extraordinário escritor, sendo a primeira alinhando poesias românticas e indianistas e a segunda de poemas parnasianos, destacando-se romances, contos, críticas e peças de teatro.

Aquele humilde garoto, nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, cedo ficando órfão, nos ofereceu uma lição de vida. Documentou os costumes, o proceder de pessoas que integravam a sociedade de sua época, notabilizando-se como uma das mais significativas expressões da literatura de língua portuguesa. Foi um exemplo de autodidata que soube merecer uma posição de relevante importância em termos de cultura luso-brasileira.

Após seu falecimento, em setembro de 1908, ano da publicação do livro *Memorial de Aires*, a Academia Brasileira de Letras passou a ser referenciada pela denominação de Casa de Machado de Assis.

Este retrospecto sobre a vida e obra do grande escritor brasileiro se justifica em virtude da louvável iniciativa de Hilmo Moreira, presidente, e de seus pares, da Academia Paraense de Letras, programando para o dia 21 de junho, às 17:30 horas, uma reunião solene e especial. Nessa oportunidade, no tempo em que decorre o sesquicentenário do nascimento de Machado de Assis, perante autoridades e acadêmicos pertencentes aos quadros de outras congêneres sediadas no País, deverá ser assinado um Termo de Adesão em que se declara aquela data, permanentemente, como o Dia Nacional das Academias de Letras.

Pádua Costa é advogado e jornalista.

Inauguração da sede atual da APL, em 7 de setembro de 1976. O então governador Aloysio Chaves e o presidente da Academia, desatam a fita inaugural.

Dom Alberto Ramos abençoa a atual sede da APL, na presença do governador do Estado e do presidente da Academia, Georgenor Franco.

origem

***A escola de Atenas,*** **de Rafael.**

# ACADEMIA: DESDE A GRÉCIA ANTIGA, A MORADA DO CONHECIMENTO

ALÁUDIO MELO

No momento em que personalidades vinculadas ao culto das letras se reúnem para enaltecer uma data de expressiva significação no setor cultural, é oportuno relembrar a idéia que redundou no surgimento da entidade que congrega todos aqueles que se dedicam à literatura.

Academia era o nome dado pelos atenienses a um largo passeio ladeado de plátanos e oliveiras, tendo sido, a princípio, um ginásio, cujo terreno fora ligado à república por um contemporâneo de Theseu, chamado Acadêmus. Aquele passeio era situado nas margens do Cephiso, às portas de Athenas.

Possuidor de uma casa de campo nos arrebaldes da cidade, Platão (427/347 A.C.), diariamente, vinha àquele jardim explicar suas idéias, ele que fora um dos grandes filósofos da antigüidade, cultivando o estetismo, que coloca a verdadeira natureza do universo na beleza, entendida como finalidade moral e artística, admitindo-se as cinco partes da divisão clássica da filosofia: psicologia, lógica, moral, estética e metafísica. O grande pensador grego imaginou a conceituação de que "se alguma coisa dá valor à vida humana é a contemplação da beleza pura".

Assim, surgiu o nome de Academia dado à escola de Platão e à sua doutrina e, depois, a toda a sociedade constituída de sábios, de poetas ou de artistas.

Com o decorrer do tempo, foram surgindo em todos os recantos da terra instituições cujo objetivo consiste no culto à espiritualidade. E que dedicam-se, sobretudo, à elaboração e análise de trabalhos subordinados aos gêneros vinculados à literatura: conto, romance, poesia, história, ensaio e crônica.

No Brasil, a Academia surgiu como resultado das reuniões literárias da Revista Brasileira, ao que somou-se a iniciativa de Joaquim Nabuco e Machado de Assis, este o primeiro presidente do silogeu nacional. Fundada em 15 de dezembro de 1896, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras adotou o modelo da academia francesa no que se refere ao número de membros (40 acadêmicos). Segundo as próprias palavras de Machado de Assis, o objetivo da Academia Brasileira de Letras deveria ser, através dos tempos, "o de fomentar, através do culto das letras e da língua pátria, uma função de alcance não apenas literário, mas social e político: a defesa da unidade do idioma nacional".

As demais Academias de Letras que foram sendo instaladas no país têm, também, por objetivo, o desenvolvimento intelectual, estimulando, divulgando e consagrando os estudos da língua e as grandes obras da literatura, preceitos que praticam por meio de suas tertúlias, sessões e publicações.

No processo dessa evolução cultural, faltava a instituição de uma data que congregasse todas as entidades congêneres espalhadas pelo nosso território, embora cada Academia comemore, particularmente, a data de sua fundação. A instituição do Dia Nacional das Academias de Letras, a ser celebrado no dia em que nasceu Machado de Assis (21 de junho), não poderia, assim, ser mais oportuna. É a condigna homenagem a nosso mais consagrado escritor.

Aláudio Melo é acadêmico. Ocupa a cadeira nº 13 da APL.

Duas fases da Academia Paraense:
Na foto de cima, reunião de acadêmicos por ocasião do VI Congresso Eucarístico Nacional, em Belém.
Na de baixo, parte dos atuais imortais.

Diretoria eleita em maio de 1963: a partir da esquerda, Bruno de Menezes, Cândido Marinho da Rocha, Miguel Pernambuco Filho, Santana Marques, Georgenor Franco, Eldonor Lima e Jarbas Passarinho.

Seis dos atuais acadêmicos: a partir da esquerda, Victor Tamer, Aláudio Melo, o governador e acadêmico Hélio Gueiros, Alonso Rocha, Hilmo Moreira e Benedicto Monteiro.

## correspondência

*Silogeus de todos os quadrantes do território brasileiro manifestaram seu apoio à proposta da Academia Paraense de Letras sobre a criação do Dia Nacional das Academias, visando preencher uma lacuna no calendário cultural do país. Os ofícios começaram a chegar desde o princípio do ano, a maioria elogiando a iniciativa. Aqui, algumas das manifestações:*

### RIO DE JANEIRO

Felicitamos essa Academia pela brilhante idéia da instituição do Dia Nacional das Academias de Letras e manifestamos nossa inteira conformidade com a iniciativa.

*Adelmy Cabral Neiva*
*Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil*

A criação do Dia Nacional das Academias de Letras, feliz iniciativa de V. Exa., conta, sem dúvida, com as simpatias e o apoio da Academia Carioca de Letras e da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, das quais sou atualmente o Presidente.

*Dagmar A. Chaves*
*Presidente da Academia Carioca de Letras*

Temos satisfação de comunicar que estamos pleno acordo com sua iniciativa referente à escolha do Dia Nacional das Academias de Letras, concordando com a indicação do nome de Machado de Assis para ser o respectivo patrono.

*Modesto de Abreu*
*Presidente da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro*

### PIAUÍ

Elogiamos, apoiamos e nos solidarizamos com a iniciativa da instituição do Dia Nacional das Academias de Letras.

*A. Tito Filho*
*Presidente da Academia Piauiense de Letras*

### SANTA CATARINA

Expressamos nosso fraternal apoio à idéia de se instituir o Dia Nacional das Academias de Letras.

*Paschoal Apóstolo Pítsica*
*Presidente da Academia Catarinense de Letras*

### BRASÍLIA

Cumprimento a todos os confrades desse Sodalício pela feliz idéia de sugerir um Dia Nacional das Academias de Letras. Uma idéia feliz e muito oportuna.

Tenha o meu aplauso, o meu apoio e o meu incentivo.

*José Adirson de Vasconcelos*
*Presidente da Academia Maçônica de Letras do Distrito Federal*

### MINAS GERAIS

Parabenizo o ilustre confrade e colega pela feliz iniciativa que consagra o dia 21 de junho como o Dia Nacional das Academias de Letras.

*Plínio Tostes de Alvarenga*
*Presidente da Academia Barbacenense de Letras*

### PERNAMBUCO

Aplaudimos e aprovamos a idéia de V. Exa.. Escolhemos, como data mais apropriada, o dia da fundação da Academia Brasileira de Letras, "Casa Matriz" de todas as instituições.

*Waldemir Miranda*
*Presidente da Academia Pernambucana*

### RIO GRANDE DO NORTE

Parabenizo a iniciativa e confirmo presença no dia 21 de junho.

*Diógenes da Cunha Lima*
*Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras*

Também responderam à proposta da APL as seguintes Academias de Letras: paulista, jundiaiense, maranhense, amazonense e acreana.

## Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : acervodigitalsec@gmail.com**

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
**Cultura**